

Memória, narrativa e identidade regional: um estudo sobre contadores de histórias do Alto Oeste potiguar

Lílian de Oliveira Rodrigues¹
UERN/PPGL

Resumo:

Nosso artigo pretende investigar as relações existentes entre literatura, memória e identidade, refletindo sobre como as formas de expressão literárias das culturas populares se relacionam com os processos de construção das identidades culturais regionais. Nossa reflexão se deterá na análise e comparação de uma das narrativas que compõem o ciclo de histórias de São Pedro mais Jesus andando pelo mundo, narrada por dois contadores de histórias residentes nos municípios de Pilões/RN e Luis Gomes, no alto oeste potiguar. Nestes textos, buscamos identificar e analisar os elementos da cultura regional e a relação destes com os modos de vida da região. Acreditamos que essas histórias constituem um modo de sistematizar e, literariamente, expressar as representações que os contadores e ouvintes constroem sobre sua vida social. A discussão sobre os conceitos de memória, identidade e cultura popular permitirão perceber a relação existente entre os contos populares recolhidos e a identidade coletiva dos narradores, compreendendo o universo destes por meio dos múltiplos discursos inerentes às relações socioculturais implícitas entre eles e a comunidade.

Palavras-chave: conto popular, identidade, memória, narrativas populares.

Introdução

O interesse em refletir sobre as relações que as narrativas contadas por contadores de histórias têm com a memória e a identidade regional surge a partir das investigações do projeto de pesquisa em andamento intitulado **Memória, narrativa e identidade regional: um estudo sobre contadores de histórias do Alto Oeste potiguar**¹ que tem como objetivo, analisar as narrativas populares de dois contadores de histórias, de Pilões e Luis Gomes, dois municípios da região do Alto Oeste potiguar, com o propósito de investigar a relação que se estabelece entre memória, literatura e identidade regional, buscando identificar nestes textos como as formas de expressão literária das culturas populares se relacionam com os elementos sócio-culturais da região. Nosso *corpus* está sendo coletado, a partir, primeiramente, da identificação dos colaboradores - dois contadores de histórias escolhidos entre os municípios do Alto Oeste Potiguar. O critério de seleção que utilizamos é o reconhecimento, pelo grupo social dos narradores da sua condição de contador de histórias. Em seguida realizamos entrevistas, gravadas em áudio, ordenadas em dois eixos de análise: quais relações que os contadores fazem entre as histórias contadas e suas vidas e quais os elementos culturais da região constituídos nas narrativas e no discurso do narrador.

Sabemos que a atividade de contar histórias é uma das práticas culturais populares mais marcadas pela transformação da vida cotidiana das sociedades, cada vez mais tomadas pelos elementos de modernização da vida contemporânea. Esta transformação pode ser explicada porque, como afirma Ayala (1989), os contos populares não podem ser nivelados a outros sistemas literários

¹ O projeto, sob minha coordenação, conta com a participação da bolsista do Programa de Iniciação Científica do CNPq, Lúcia de Fátima Barreto Rodrigues, aluna do Curso de Letras da UERN e dos pesquisadores colaboradores Maria Edneide Ferreira de Carvalho e José Carlos Redson, Alunos do Mestrado em Letras da UERN e Solange Batista da Silva e Ciro Leandro Costa Fonseca, respectivamente, egressa e aluno do Curso de Especialização em Literatura e Estudos Culturais da mesma instituição.

populares, uma vez que esta atividade depende de uma comunidade. O narrador, sua história e seu público são relacionados como componentes de um *continuum* que é o evento comunicativo de contar histórias, no qual os agentes participantes interagem socialmente por meio da criação artística e transformam aquele evento em algo diferente da comunicação comum. Assim, ao se modificarem a rede de relações que envolve narrador e auditório, configuram-se novas perspectivas para o ato narrativo, que afetam as práticas tradicionais de narrar. Desta forma, a figura do narrador popular que conta histórias em serões coletivos realizados em locais determinados, nos quais os membros de sua comunidade são os ouvintes, vem ficando cada vez mais rara, estando estes eventos recolhidos na memória de seus participantes, salvaguardando as lembranças das situações em que estas histórias foram contadas.

No entanto, mesmo não existindo, como antes, as instituições de transmissão que o constituíram, a figura do contador de histórias tradicional, normalmente representada por pessoas idosas, ainda pode ser encontrada nas comunidades rurais, principalmente da região nordeste do país. O repertório de histórias populares, guardado na memória desses narradores revela um conjunto de valores que expressam os modos de ser e de viver de uma determinada comunidade, revelando elementos da identidade coletiva de um povo. Isso porque as narrativas que compõem o repertório desses indivíduos não são apenas histórias que ficaram em suas memórias cristalizadas pelo tempo. Mais do que textos recordados, são a representação do universo poético que os compõe e habita a existência desses sujeitos.

Candido (2002), quando se refere aos estudos das manifestações literárias orais, ressalta que, para entendê-las, é preciso não perder de vista a sua integridade estética, distinguindo, como na literatura escrita, a função total, a função social e a função ideológica. A função total deriva da elaboração de um sistema simbólico responsável por transmitir uma certa visão de mundo. A função social abrange o papel que a obra desempenha no estabelecimento de “relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade” (CANDIDO, 2002, p. 46). Assim, essas narrativas que são tiradas do espaço em ebulição da memória desses sujeitos, vêm contagiadas pela substância de sua vida e de seu lugar. Entendemos, então, que quando o narrador conta suas histórias, ele fala em seu nome e em nome de todos os seus: sua tradição, seu povo, sua realidade.

Pensando a memória como um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, e sendo um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si, identificamos o espaço imaginário no qual “circulam” os elementos de identificação cultural ligados à tradição e às origens dos narradores. As práticas da cultura popular – a vida em família, a religiosidade, os costumes que marcam sua existência num determinado tempo e espaço – se deixam transparecer nas narrativas. Sua herança cultural, perpetuada de geração a geração, se revela nos elementos acrescentados pelo narrador ao texto. O texto produzido em cada situação pelo narrador é uma possibilidade de apresentação e combinação dos elementos da tradição conservados pela memória coletiva do grupo, e ao ouvinte interessa também o modo como esse narrador combina esses elementos que ele reconhece como seu. Assim, ao contar uma história, o contador está, ao mesmo tempo, atualizando a sua história pessoal e a universal. Isto se dá pelo aspecto atemporal do conto, como também pelos aspectos de vitalidade e reelaboração presentes no ato do contar. Há sempre algo que remete ao contexto e singularidade de quem conta. O narrador, então não apenas repete a tradição ao contar, mas sim a atualiza e a reelabora na medida em que adapta o texto as singularidades do seu lugar.

Desta forma, podemos afirmar que as narrativas populares constituem um modo de sistematizar e, literariamente, expressar as representações que os contadores e ouvintes constroem sobre sua vida social, que os permite interagir socialmente, reelaborando suas práticas e definindo continuamente os elementos que o fazem pertencer a um grupo.

Diante disso, investigar estas narrativas nos proporciona pensar a relação existente entre os contos populares recolhidos e a identidade coletiva dos narradores da região do Alto Oeste potiguar e nos permite compreender o universo de nossa região por meio dos múltiplos discursos inerentes às práticas populares e às relações socioculturais implícitas entre eles e a comunidade.

1 Cultura Popular: definindo a abordagem

Para os estudos que integram a linha do folclore, a cultura popular é tudo aquilo que se refere à tradição, o depósito da criatividade camponesa, da profundidade que se perderia com as mudanças exteriores da modernidade. No cerne das concepções do folclore, expõe-se a contradição “tradição x transformação”, muito presente nos diversos embates travados sobre esse tema. Estudos como os de García Canclini (2003) apontam, entretanto, novas respostas para esse confronto, afirmando que é preciso pensar em tradição e transformação como processos complementares entre si, e não como excludentes, pois o termo tradição não implica, necessariamente, uma recusa à mudança, da mesma forma que a modernização não exige a extinção das tradições.

Assim, muito mais do que “guardar” objetos culturais, como cantos e festas, à maneira folclorista, pensar na preservação das tradições populares é compreender a cultura popular como um conjunto de significados que estão em um permanente processo de modificação, sendo indissociável da vida dos sujeitos que nela estão inseridos. Por essa ótica, passa a ser impossível estudar essas relações sem lançar um olhar atento para os contrastes e as ligações que mantêm essa cultura viva e presente. Para isso, é preciso considerar a voz dos indivíduos que participam da produção de seus bens culturais.

No Brasil, a perspectiva crítica de análise das manifestações populares surge motivada por uma ruptura de concepções teóricas e metodológicas com relação aos estudos folclóricos e, conforme Ayala e Ayala (1995) todos eles têm em comum a preocupação de situar a análise das manifestações culturais populares no contexto sociocultural mais amplo em que elas ocorrem. Vinculando-as ao seu contexto de produção, percebem-nas dentro dos conflitos existentes entre os vários grupos que compõem uma sociedade marcada pelas diferenças de classes.

Exemplifica essa nova postura o exame das narrativas populares colhidas por Xidieh (1993). Em sua pesquisa, constrói um estudo das narrativas de santos as quais circulam entre grupos rústicos inseridos na área rural e em áreas urbanizadas do estado de São Paulo. Seu trabalho teve como objetivo especificar a posição desses textos na cultura popular, verificando suas funções na sociedade rústica pesquisada. Das histórias recolhidas, o pesquisador extrai um sistema de informações que permite penetrar no universo do homem rústico, registrando seus princípios morais, suas práticas mágico-religiosas, que, no convívio social, apresentam padrões de referência para comportamentos definidos ao longo da vida dessas comunidades. Ao estudar a religião desses grupos, o autor pensa, portanto, o folclore² como indissociável da vida dos indivíduos que dele compartilham. E, dessa observação, paulatinamente constrói uma metodologia que discute os obstáculos presentes na coleta e no registro do material, não pela recusa dos entrevistados a fornecê-lo, mas pela dificuldade dos colaboradores de racionalizar algo que é presente e vivo de existência em seu universo. Assim, o autor considera a paciência um dos melhores instrumentos para o pesquisador, pois não se trata apenas de recolher, mas sim de esperar que aconteça o que deve acontecer para que os relatos sejam naturalmente expostos. Essa metodologia aponta para uma postura de análise que leva em conta as transformações e mudanças culturais, considerando-as face à interação entre as culturas e suas relações sociais, uma vez que essas práticas são afetadas pelas condições de vida e de trabalho das próprias populações. Assim, para Xidieh:

² Concluímos que o autor considera uma sinonímia entre os termos “cultura popular” e “folclore”, a partir da aceção que faz deles no trabalho.

Numa mesma sociedade pode instaurar-se a dicotomia sociedade global e sociedades incluídas, aquela que homogeneiza e estas que subsistem apesar dos esquemas formais propostos e impostos pelo sistema dominante e onde podem concorrer com a cultura institucionalizada outras formas culturais pertinentes aos grupos diferenciados estruturalmente. [...] Cultura Popular é um fenômeno que se marca historicamente, mas cuja data de instauração só pode ser estabelecida sociológica e antropológicamente, mediante a constatação de situações em que novos e velhos modelos de vida sócio-culturais entram em conflito [...] o que pretendemos sublinhar é que a cultura popular, não sendo mais a cultura primitiva, perpetua, no entanto, por herança ou por descoberta, inúmeros de seus traços e padrões: a tradição e analogia, a consideração dos fatos da natureza, a disposição mágica perante o mundo, o sentido da repetição. Mas um ditado popular expressa também sua dinâmica "de hora em hora, Deus melhora" e está a indicar a possibilidade de renovação e de reelaboração. (XIDIEH, 1976, p. 2)

A idéia da possibilidade de reelaboração e de renovação de que trata Xidieh faz pensar que a cultura popular não morre, nem se desgasta pela aproximação e incorporação de elementos de outras culturas, porque o povo a constrói no seu cotidiano, nas condições em que a pode fazer, portanto não faz sentido tentar absolutizar os seus objetos ou manifestações à maneira do folclore. Deixando claro nossa perspectiva de análise do popular, voltemo-nos para a análise dos contadores e suas narrativas.

2 Nos ca(o)ntos da memória: narrativa e identidade

2.1 Os *personagens* dessa história: dois contadores de histórias do Alto Oeste potiguar

Os dois contadores de histórias analisados por nossa pesquisa tem perfis bem semelhantes. São senhores de idade, originários da Zona rural de seus respectivos municípios. Escolhemos estes narradores por seu vasto repertório de histórias que revelam também a diversidade em relação às temáticas das narrativas. Ambos também são reconhecidos e respeitados pela população de suas cidades, por sua atividade de contadores.

O primeiro deles é Seu **Joaquim Benvinda**. Seu Joaquim tem 69 anos de idade e sempre morou no município de Luís Gomes, sendo que durante boa parte dela morou na zona rural. Exerceu, principalmente, a atividade de vaqueiro. Conta qualquer tipo de história, como de escravos, das origens da cidade, mas, principalmente, histórias do bando de Lampião. Suas narrativas são geralmente contadas nas "bocas de noite" na calçada de sua casa e são sempre ouvidas por amigos e companheiros. Seu Joaquim além de contador de histórias bastante reconhecido na cidade é também um exímio poeta e aboiador, muito embora esta última atividade já não exerça. Seu nome completo é Joaquim Alves de Fontes. É muito freqüente a visita a sua casa de várias pessoas da cidade, populares e principalmente estudantes, para saber histórias da cidade.

O outro contador que nós visitamos foi o Seu **Sebastião Bandeira**, como é conhecido, apesar de ter como nome completo Sebastião Anacione de Araújo. É um simpático senhor de 85 anos de idade que, mora no centro da cidade de Pilões – RN. Nasceu no município de Almino Afonso em 01 de janeiro de 1924. Em sua juventude, foi agricultor e pescador. Hoje, sobrevive da confecção e pequenos consertos em redes de pesca. Conta histórias de todo tipo, tais como: anedotas, piadas, pescador, vaqueiro, caçador, entre outras, sempre contadas a amigos nas calçadas em bocas de noite. Seu Sebastião é uma figura muito conhecida e respeitada na cidade pela sua atividade de contar de histórias. Sua casa é freqüentada por crianças advindas das escolas do município. É comum encontrar trabalhos realizados pelos professores de Pilões, envolvendo a figura do contador. Seu Sebastião também é convidado para contar suas histórias no ginásio da cidade. Sobre sua atividade de contador, ele nos diz:

S. Sebastião: Essas história são história que véio inventa. Eu peguei essas coisas na debulha de feijão. Porque antigamente, nós ia debuiar feijão. A gente tirava aquele mundo de feijão e na boca da noite, aquela população se juntava, a vizinhança todinha, e passava a noite tomando cachaça, tomando café, assando carne, fazendo lanche e no outro dia era um mundo de feijão dibuíado. Aí, pra passar a noite, os véi pegava a contar história, um contava uma, o outro contava outra e aqueles mais danado ia decorando, né? Eu aprendi na pescaria também.

Pesquisadora: E porque o senhor acha que guardou essas histórias?

S. Sebastião: Por que era bom, passava o tempo. Deixava a gente mais feliz.

Pesquisadora: Feliz, porquê, S. Sebastião?

S. Sebastião: era história que fazia a gente rir, e até pensar como era as coisa da vida.³

A atividade descrita pelo contador revela os “momentos sociais” nos quais a prática de contar foi adquirida. AYALA (1989) analisa esses eventos, caracterizando-os em diversas situações de realização:

As histórias populares orais são caracterizadas, comumente, por narradores e ouvintes, como forma de diversão, entretenimento ou brincadeira em tempo de folga, em geral à noite, depois do trabalho, ou em situações de festa, [...]. Em certos casos, as narrativas funcionam como contos de trabalho. Como os cantos, as histórias são narradas durante a jornada de trabalho como auxiliar em práticas comunitárias. Já afirmei em outra ocasião que o trabalho plantar, fiar, tecer [...] possibilitou o aprendizado de vários cantos. (AYALA, 1989, p. 262)

Entretanto, para seu Sebastião, contar histórias se revela como uma atividade lúdica, uma atividade que lhe fazia “feliz”, lhe fazia “pensar as coisa da vida”. A importância que teve esta atividade para sua vida pode explicar o fato de ter armazenado essas narrativas na memória. Sem desconsiderar o papel da tradição neste contexto, uma vez que as narrativas repassadas, apesar de estarem da memória individual do contador, referem-se às experiências de sua coletividade. E este fato nos faz refletir qual o papel dessas lembranças neste processo.

Caldas (1999) compara o trabalho da memória à criação de um texto ficcional. Para o autor, a memória se expressa como um texto e o trabalho interno realizado para se chegar até esse texto é o mesmo trabalho da criação literária. Assim, a memória não aparece pronta; ela é tecida pelo convívio e a troca de vivências entre que o indivíduo vai formulando ao longo de sua vida.

Ecléa Bosi, no primeiro capítulo de seu trabalho sobre as lembranças de velhos paulistas, (BOSI, E., 2001), traça uma linha progressiva de estudos da memória, que, de uma forma geral, orienta o leitor para a contextualização dessa faculdade humana. Ela destaca o trabalho de Bergson (1999), no qual a memória aparece como um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, subjetivo. Para completar seu pensamento, esse autor diferencia dois tipos de memória: a “memória hábito”, que é regida por mecanismos motores e que se adquire pelo esforço da atenção e repetição de gestos ou palavras atuando na esfera prática; e a “imagem-lembrança”, que tem um caráter não-utilitário e é fruto da evocação das imagens definidas que marcam um momento único da vida. Esta última pode-se aproximar da matéria do sonho e da poesia.

Ecléa Bosi sintetiza o ponto-chave do pensamento do autor dessa forma:

A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e nos devaneios. Assim pensava

³ As entrevistas com o Sr. Sebastião Bandeira foram realizadas em sua residência no Município de Pilões/RN, no dia 04/06/2008, como atividade da pesquisa Memória, narrativa e identidade regional.

Bergson, que [...] se esforçou por dar à memória um estatuto espiritual diverso da percepção. [...] No estudo de Bergson defrontam-se, portanto, a subjetividade pura (o espírito) e a pura exterioridade (a matéria). À primeira filia-se a memória; à segunda, a percepção. (BOSI, E. 2001, p. 53-54)

A síntese apresentada pela autora deixa claro que, da teoria formulada por Bergson, está ausente o tratamento da memória como fenômeno social. É nessa lacuna que se inscrevem as reflexões de Halbwachs (2004). A questão central de sua obra consiste na afirmação de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Várias idéias, reflexões, sentimentos e paixões cuja origem o indivíduo atribui a si mesmo são, na verdade, inspirados por essa coletividade. A disposição do autor acerca da memória individual refere-se à existência de uma “intuição sensível”. Afirmar ele:

Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que – para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social – admitiremos que se chame intuição sensível (HALBWACHS, 2004, p. 55).

Dessa forma, para Halbwachs, a memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se a um “ponto de vista sobre a memória coletiva”. Este olhar sempre deve ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e as relações mantidas com outros meios. (HALBWACHS, 2004, p. 76-78).

Pode-se afirmar, então, que a memória individual não está isolada. O suporte em que ela se apóia está relacionado com a memória coletiva. Esta é, antes de tudo, o espaço imaginário onde “circulam” os elementos de identificação cultural ligados à tradição e às origens dos narradores. Percebem-se, nas histórias dos contadores, estes aspectos. As práticas da cultura popular – a vida em família, a religiosidade, os costumes que marcam sua existência num determinado tempo e espaço – transparecem de forma muito acentuada nos relatos. Sua herança cultural, perpetuada de geração a geração, se revela, entre nestas práticas.

Em síntese, a tradição é formada por valores, práticas simbólicas estabelecidas e vividas pelo indivíduo no seio da sociedade que podem ser transmitidos tanto pelo conhecimento oral – objeto de nosso estudo –, como pelo escrito. Para comunicar esses valores, práticas, conhecimentos através da oralidade, o ser humano utiliza-se do ato de narrar e narrar é transmitir experiência, quanto à isso Patrini, afirma

(...) se narrar é colher os fatos da própria experiência transformando-os em experiências para os ouvintes, o ato de narrar significa também o encontro com os mistérios que envolvem o homem e a vida nos diversos momentos de sua existência (PATRINI, 2005, p. 105).

Benjamim (1994) declara que a experiência transmitida de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. O saber, a experiência ou o conhecimento transmitido pelo contador ao ouvinte pode ser recebido com proveito, pois, segundo Gramsci (1968), ele é prático e de modo sutil conduz o ouvinte a seguir um comportamento moral estreitamente ligado às reais crenças religiosas.

2.2 As narrativas

Rondelli (1993, p. 28), define a atividade de contar histórias como “um processo comunicativo artístico, delimitado e definido pelos membros do grupo que dele participam e que acontece em situações muito particulares e em circunstâncias específicas de tempo e espaço.” A

autora considera o texto produzido como uma expressão simbólica e metafórica de uma determinada leitura que as pessoas fazem da sociedade.

Nesse contexto, estão inseridos o narrador, a estória e o público ouvinte. Cada elemento deste cenário desempenha um papel que resulta na interação comunicativa dos sujeitos. O narrador é aquele que detém a autoridade de quem encarna a narrativa, buacando incorporá-la ao seu viver e, no caso dos contadores analisados, o que está em questão é uma narrativa que provém do viver de uma estrutura social repleta de características antagônicas que necessariamente estão presentes na fala dos narradores. Os contos e casos são, nesse sentido, uma apropriação memorialística que funda um tipo de consciência histórica. Assim a versão da história que os contadores procura está na possibilidade do contar de si mesmo que está na possibilidade de trocar/possuir um espaço no qual a memória coletiva é valorizada, pública e lembrada.

Observamos isto na narrativa dos contadores. Numa narrativa que narra a volta de São Pedro pelo mundo, contada por Seu Sebastião e também por Seu Joaquim, podemos observar a recriação dos elementos regionais na constituição da história. A narrativa se dá em torno da visita de São Pedro ao Sertão, o mundo dos contadores, onde o santo encontra a fartura de um ano de bom inverno. A descrição deste mundo de abundância do narrador é carregada pela descrição das alimentação e das festas da melhor época para o agricultor: o período da colheita. No entanto, o papel da religiosidade aparece na narrativa, indicando ser sempre necessário agradecer o ano de boa colheita. A figura de Jesus aparece na história como um Deus vingativo, pronto para punir com as dificuldades materiais quem não está atento à sua soberania, como observamos no trecho abaixo:

Disse a história que São Pedro morreu e foi para o céu, aí por lá Jesus botou ele como porteiro do céu, todo mundo que chegava pra entrar, ele tinha que ir lá abrir a porta e entrar, no salão aonde tava Jesus. São Pedro muito com vontade de vir a terra pra ver como tava o mundo, pediu a Jesus prazo de três dias pra vir a terra. Jesus disse: [...]

- É Pedro, pode ir. Aí deixou pra vir na véspera de São Pedro, aí que é uma coisa muito, uma comemoração muito boa, né?

Ele deixou pra vir na véspera de São Pedro. Quando São Pedro chegou na terra tinha havido um inverno bom. Era muita canjica, muito milho assado, e os amigos se juntando pra bebedeira e haja festa e mais festa. E toca os amigos chamar pra ele ir pras cidades pra festa e toca ele ir e se esqueceu de voltar pra o céu. Passou três meses. E aí bateu na porta do céu novamente e o porteiro abriu.

Jesus perguntou: [...]

São Pedro entrou e Jesus disse:

- Ô Pedro, tu me pedisse um prazo de três dias, e vem chegar depois de três meses.

Pedro plantou o joelho no chão e disse:

- Ah senhor, queira me perdoar! Por tudo quanto há, até pelo leite que o senhor mamou na sua mãe, me perdoe que eu garanto que nunca mais eu hei de fazer outra dessa.

- E porque você demorou tanto?

- Senhor, tava tão bom. Era um inverno tão bom, com tanta da canjica, tanto milho assado, tanta da gente. Era fogueira ardeada de gente, tanto conhecido, cumpadre e parente meu, que eu não dava volta de falar com o povo. Aí então, pegaram a me chamar pra eu ir as cidades vizinhas mais perto e eu peguei a me impaiar e festa e mais festa e farra e farra e hoje foi que eu me lembrei de vir. Mas me perdoe que eu lhe garanto que nunca mais eu dou desse desgosto ao Senhor.

Jesus disse:

- Pedro falavam muito em mim?

- Não Senhor, falaram não.

(ora, quem é que ta numa festa, quem é que tá bebendo e vai se lembrar de Deus, de fazer promessa, nem nada?)

Quando foi no outro ano Jesus deu uma seca, que até os bebedouros do gado secou tudo. Aí haja o povo aperreado e Pedro não sabia de nada. Aí Jesus disse:

- Pedro, tu num quer no nosso mundo, não pra saber como tá? - [...]

- Se o Senhor consentir eu vou de todo jeito.

- Pois é Pedro, pode chamar pra ele vir, e você ir.

Aí deixou pra vir na véspera de São Pedro de novo, devido às festas, o milho verde e quanta coisa tenha. Aí quando ele chegou, cadê ter nada no mundo. Todo mundo morrendo de fome. As crianças chorando. O povo com as mãos postas, tudo pedindo socorro a Jesus, pedindo que mandasse ao menos uma enxuvada pra encher os açudes, pra tomarem água, pra poder plantar a vazante e dar de comer a família. Se não morria de fome, se acabava toda a população. E era um chororô maior do mundo. Aí São Pedro chegou, num tinha milho, num tinha o que comer, durmiu sem janta. Amanheceu sem comer nada. E no outro pistou em procura do céu. Chegou lá, bateu na porta e o porteiro abriu. Aí Jesus perguntou: -[...]

- Ô Pedro, já vinhesse? Que é que houve? Briga na festa?

Pedro disse:- Não Senhor. [...]

- Ah, Senhor, não queira saber como tá nosso mundo lá. Senhor, é um clamor tão grande, que não tem quem suporte no mundo todo mundo chorando, o gado urrando com sede, os aperreio. O povo tudo aperreado.

- Pedro, falam muito em mim?

- Ah, é só no que falam, todo mundo com as mãos postas, pedindo socorro, se não se acaba toda população de lá. Senhor, dá ao menos uma chuvada pra encher os açudes pra aquele povo tomarem água, pra poder plantar as vazantes.

- Pára Pedro. É um castigozinho que eu tô dando, porque se não, se esquecem até do meu nome. Num sabem mais nem se existe mais Jesus no mundo. E aí você se agüente, tenha calma, que quando for tempo eu dou o socorro.

Aí Jesus mandou a enchuvada, encheu os açudes e o povo pegaram a plantar as vazantes e deu tudo certo.⁴

A mágica da palavra é o poder de criar os sentidos atribuídos ao vivido. A polarização entre o mundo de fartura e de necessidade é quem dá a tônica da história. Trata-se da palavra que põe a nu a estrutura hierárquica, destaca-se o papel da estrutura religiosa. Pode parecer, no entanto, que a tradição, aqui, é sinônimo de conservadorismo, de submissão ao poder maior. No entanto, observamos uma inversão desses valores na conclusão da história contada por Seu Joaquim. A narrativa continua para o contador quando Pedro volta a terra pela terceira vez:

- D. Maria, a senhora sabe me dizer como é o nom e dessa rua?

- Essa é a rua de São Pedro.

- A senhora sabe me informar se é de São Pedro mesmo essa rua? - É de São Pedro mesmo, com toda certeza. O senhor saía por aí perguntando a população, que todo mundo vai lhe informar que é a rua de São Pedro.

Com um pedacinho, chegou uma mulher pra rezar uma criança, pra curar de quebrante.

A mulher foi embora e disse:

- D. Maria, Deus lhe pague!

Aí chegou um esmoléu, aí ela deu um punhadinho de feijão e “D. Maria, Deus lhe pague!”. Pedro foi prestando atenção. Todo canto que ele ia, onde via um fazer uma caridade ou um benefício a qualquer um, o povo dizia “Deus lhe pague!” e em Todo canto dizia que a rua era de São Pedro.

Aí ele voltou pro céu e quando ele chega lá, Jesus pergunta?

- Pedro, e como vai lá nosso mundo?

- Senhor, pra mim vai tão bom, que o senhor nem avalia.

- Por que Pedro, o que é que há de tão bom pra você?

⁴ A narrativa foi colhida na residência de seu Sebastião no dia 08 de abril de 2008, no município de Pilões.

- O Senhor sabe que eu saí de lá, eu nada tinha e hoje já tenho uma rua.
- Sua?!
- Com toda certeza. Eu perguntei a toda população e todo mundo era por uma boca só que a rua é minha. Agora o Senhor tá meio desmantelado.
- Por quê?
- O Senhor já deve tanto lá que não tem condições de pagar o que deve.
- Por quê, Pedro? Quem é que tá comprando no meu nome lá?
- Não, Senhor, ninguém tá comprando no seu nome, não. Toda reza, todo benefício, toda cura, tudo quanto há, todo favor, é “Deus lhe pague!”, pra lá “Deus lhe pague!” pra cá e o Senhor tem tanta conta que não tem mais condições do senhor pagar tudo. (risos)⁵

O humor irreverente de São Pedro, devolvendo a artimanha preparada por Jesus revela que é quem detém a palavra, quem dita os rumos do desenrolar histórico. Percebemos, neste conto, a palavra como meio mágico para contestar a estrutura. A travessura de São Pedro, que, segundo Xidieh (1993) pode ser identificado com glutão, cabeçudo, preguiçoso e libidinoso, indica a familiaridade que as camadas populares tratam os símbolos e entidades religiosas.

A inversão entre conto e história é a apropriação que os narradores fazem dos elementos que revelam a identidade da região do Alto Oeste potiguar. Interessam-nos a forma como contam novamente essa história, como apresentam questões a ela. O conto que é história gira em torno, quase sempre, da tentativa de burlar a necessidade, que implica a inversão da estrutura de poder. No lugar afetivo da memória, os contos reapresentam, sempre atualizados, os conflitos sociais que não são de hoje, as tramas incorporam novos atores, a mudança é elaborada a partir da sabença, que responde ao passar do tempo com o arcabouço da experiência.

Conclusão

Assumimos a posição que define a cultura popular como conjunto de significados vivos que estão em contínuo processo de modificação, existindo como um elemento indissociável da vida das pessoas que dela compartilham. As práticas culturais por elas exercidas não se reduzem a objetos culturais a serem colecionados, mas são produtos significantes de sua atividade social e desse modo é que essas práticas articulam-se na esfera do social e do político.

Por essa ótica, acreditamos ser impossível estudar essas relações sem considerar a voz desse indivíduo que participa da produção de bens culturais, considerando que ele é um sujeito agente na comunidade à qual pertence, reproduzindo nela sua visão própria de mundo, seu estilo e suas impressões, mesmo lidando com atividades que carregam o peso de uma tradição distante de sua realidade.

Nessa perspectiva, apresentamos a figura dos contadores, personagens desta pesquisa. Conhecê-los requer ouvir suas vozes. Para reverenciar sua memória e admirar as narrativas que contam, precisamos pôr em primeiro plano seus modos de vida e o sentido que essas histórias têm para esses sujeitos, pois a narrativa oral, como produto cultural, é o resultado das relações que ele mantém com a sociedade em que se insere. Dessa forma, percebemos os seus contos, como estes se instituem nos espaços que ocupa e como esses diferentes espaços se articulam na definição de uma prática cultural. A nossa responsabilidade, diante deles é, portanto, aprofundar os sentidos para captar o teor da voz que se impõe nas histórias, e deixar que surja, nesse cenário, a cadeia de elementos que permitem que seus contos se afirmem onde realmente existem: no cotidiano.

⁵ A narrativa foi colhida na residência do Sr. Joaquim Benvinda no dia 08 de abril de 2008, no município de Luis Gomes/RN

Benjamin (1994), em seu conhecido texto *O narrador*, afirma que é da experiência vivida ou recontada por outros que o narrador retira elementos para a sua própria narrativa. Compartilhar do universo de experiências dos narradores deu-nos condições de apreendermos os seus cotidianos.

Encontramos, nas narrativas, vários níveis de discurso: o discurso dos personagens “das histórias” e o discurso dos contadores discurso da “realidade da vida”. Todos eles são permeados por estas vozes que contam o seu lugar e, assim, espelham a diversidade da cultura popular: contraditórios, condescendentes, questionadores, persuasivos, tragicômicos, são todos eles vozes que contestam, que resistem, que sobrevivem e que edificam, dia-a-dia, a sua própria realidade. Dessa forma, longe do contexto no qual foram geradas, as narrativas de Seu. Sebastião e Seu Joaquim serão entendidas parcialmente, pois foi arrancada de si a essência que o fez existir e o faz resistir.

Voltando a Walter Benjamin, temos a impressão de que, se não faltam narradores populares, visto que o povo sempre terá o que contar o que falta é quem se disponha a ouvi-los. Falta, talvez, encontrar ouvintes capazes de aprender com essas histórias as quais, de maravilhosas e trágicas, constroem toda a épica das vidas que, sendo deles, não deixam de serem também nossas.

Referências Bibliográficas

- [1] AYALA, M; AYALA, M. I. N. **Cultura popular no Brasil**: perspectivas de análise. São Paulo: Ática, 1987.
- [2] AYALA, M. I. N. **O conto popular**: um fazer dentro da vida In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA, 4., São Paulo, 1989. Anais... São Paulo, USP, 1989. p. 260-267.
- [3] BENJAMIM, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Obras escolhidas**: Magia e técnica, arte e política. v. 1. Traduzido por Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- [4] BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Traduzido por Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- [5] BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- [6] CALDAS, A. L. **Oralidade: texto e história**: para ler a história oral. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- [7] CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2002.
- [8] GARCÍA CANCLINI, N. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. Traduzido por Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 2003.
- [9] GRAMSCI, A. Observações sobre o folclore. In: **Literatura e vida nacional**. Tradução e seleção Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 183-190.
- [10] HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Traduzido por Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.
- [11] LIMA, F. A. de S. **Conto popular e comunidade narrativa**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.
- [12] PATRINI, M. de L. **A renovação do conto**: emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

- [13]RONDELLI, B. **O narrado e o vivido:** o processo comunicativo das narrativas orais entre pescadores do Maranhão. Rio de Janeiro: FUNARTE/IBAC, Coordenação de Folclore e Cultura Popular, 1993.
- [14]XIDIEH, O. **Narrativas populares:** estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

Autor(es)

¹ **Lilian RODRIGUES, (Prof^a. Dr^a. em Literatura e Cultura)**

Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

E-mail: lilianrodrigues@uern.br.